



# REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/JALAPORTUN>

## **VIAGEM AO JALAPÃO: UMA OPORTUNIDADE PARA OLHAR, OUVIR E ESCREVER**

TRIP TO JALAPÃO: AN OPPORTUNITY TO LOOK, LISTEN AND WRITE

VIAJE A JALAPÃO: UNA OPORTUNIDAD PARA MIRAR, ESCUCHAR Y  
ESCRIBIR

**Joelma de Moura Gontijo<sup>1</sup>**  
**Adriano Castorino<sup>2</sup>**

Recebido 10/07/2024	Aprovado 05/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

**RESUMO:** O estudo apresenta um relato etnográfico da experiência vivida durante uma viagem de imersão ao Jalapão, como parte de uma disciplina de Métodos Qualitativos. A pesquisa focalizou as dinâmicas sociais, culturais e econômicas das comunidades quilombolas locais, utilizando a abordagem etnográfica descrita por Roberto Cardoso de Oliveira e Clifford Geertz. A imersão revelou a importância do artesanato de capim dourado não apenas como fonte de renda, mas como elemento central da identidade cultural e autonomia das comunidades. Destaca-se o protagonismo feminino que não apenas preserva as tradições culturais, mas que também impulsiona o desenvolvimento local. Observou-se lacunas de infraestrutura que dificulta o acesso da própria comunidade e que limita o desenvolvimento local. A experiência também proporcionou importantes reflexões sobre cultura, resiliência e adaptabilidade das comunidades quilombolas e ainda sobre o papel do pesquisador na manutenção dessas culturas. A oportunidade de sair dos muros institucionais alerta que o valor de se fazer presente nestas comunidades vai muito além do aprendizado acadêmico ou científico. Os movimentos internos e pessoais, esses não podem ser medidos e tão pouco serem expressados em um texto.

---

<sup>1</sup>Mestranda pelo Mestrado Profissional em Administração Pública em rede – PROFIAP – UFT. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6024-6650>. E-mail: [joelmagontijo@uft.edu.br](mailto:joelmagontijo@uft.edu.br).

<sup>2</sup>Professor do Mestrado Profissional em Administração Pública em rede – PROFIAP – UFT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7979-6694>. E-mail: [adrianocastorino@uft.edu.br](mailto:adrianocastorino@uft.edu.br)



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnografia; Capim dourado; Comunidades quilombolas; Protagonismo feminino.

**ABSTRACT:** The study presents an ethnographic account of the experience lived during an immersion trip to Jalapão, as part of a Qualitative Methods course. The research focused on the social, cultural and economic dynamics of the local quilombola communities, using the ethnographic approach described by Roberto Cardoso de Oliveira and Clifford Geertz. The immersion revealed the importance of golden grass crafts not only as a source of income, but as a central element of the cultural identity and autonomy of the communities. The female protagonism stands out, not only preserving cultural traditions, but also driving local development. Infrastructure gaps were observed that hinder access to the community itself and limit local development. The experience also provided important reflections on the culture, resilience and adaptability of quilombola communities and also on the role of the researcher in maintaining these cultures. The opportunity to go beyond institutional walls warns that the value of being present in these communities goes far beyond academic or scientific learning. Internal and personal movements cannot be measured, much less expressed in a text.

**KEYWORDS:** Ethnography; Golden grass; Quilombola communities; Female protagonism.

**RESUMEN:** El estudio presenta un relato etnográfico de la experiencia durante un viaje de inmersión a Jalapão, como parte de un curso de Métodos Cualitativos. La investigación se centró en las dinámicas sociales, culturales y económicas de las comunidades quilombolas locales, utilizando el enfoque etnográfico descrito por Roberto Cardoso de Oliveira y Clifford Geertz. La inmersión reveló la importancia de la artesanía de pasto dorado no sólo como fuente de ingresos, sino como elemento central de la identidad cultural y la autonomía de las comunidades. Destaca el protagonismo femenino que no sólo preserva las tradiciones culturales, sino que también impulsa el desarrollo local. Se observaron brechas de infraestructura que dificultan el acceso de la propia comunidad y limitan el desarrollo local. La experiencia también proporcionó importantes reflexiones sobre la cultura, la resiliencia y la adaptabilidad de las comunidades quilombolas y también sobre el papel del investigador en el mantenimiento de estas culturas. La oportunidad de salir de los muros institucionales advierte que el valor de estar presente en estas comunidades va mucho más allá del aprendizaje académico o científico. Los movimientos internos y personales no se pueden medir ni expresar en un texto.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

**PALABRAS CLAVE:** Etnografía; Hierba dorada; comunidades quilombolas; Protagonismo femenino.

## **INTRODUÇÃO**

Este texto surge da experiência vivenciada durante uma viagem de imersão proposta em uma disciplina de Métodos Qualitativos, que nos levou ao coração do Jalapão uma das áreas naturais mais fascinantes do Brasil. Enquanto destino, o Jalapão atrai turistas do mundo inteiro, com suas dunas, fervedouros, rios e paisagens. No entanto, este relato não se limita a uma descrição das maravilhas naturais que encontramos, embora essas deram pano de fundo para a experiência e por vezes será mencionada.

O foco principal dessa imersão estava na observação e compreensão das dinâmicas sociais, culturais e econômicas das comunidades quilombolas da região. O método utilizado nesta vivência foi a etnografia, conforme explicam Roberto Cardoso de Oliveira (1996) e Clifford Geertz (1989). Estes autores ajudam a compreender, desde o ponto de vista dos estudos antropológicos, como participar ativamente das atividades e interações num contexto social. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos observados. Durante a imersão, membros da comunidade foram ouvidos e anotações foram realizadas com o objetivo de capturar aspectos descritivos e reflexivos das experiências vividas.

A premissa sobre a qual esta vivência se deu também está numa concepção de educação conforme Paulo Freire (2005) explicou. Assim, a ideia de que cada pessoa, tanto quem vem da universidade, quanto quem está no contexto da comunidade quilombola, são sabedores de conhecimentos que se equivalem, mesmo que compartilhados sob prismas diferentes.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Para muitos de nós essa experiência representou uma ruptura com o que conhecíamos nos livros de história ou em relatos distantes. Não bastante o desafio de observar, o transpor para o papel colocando em palavras toda essa jornada torna esse provocar ainda mais complexo. De modo simples, o objetivo é trazer em forma de texto uma experiência ainda em fase de apropriação. Tais experiências precisam ser lembradas, revividas em pensamento em fases diferentes de espírito, sendo que em cada momento deste com certeza, novas apropriações ocorrem.

A Área de Proteção Ambiental do Jalapão (APA Jalapão), com cerca de 461.730 hectares, ocupa terras dos municípios de Mateiros, Ponte Alta do Tocantins e Novo Acordo. Foi criada no dia 31 de julho de 2000, pela Lei nº 1.172 e pertence à categoria de Unidades de Conservação (UC) de Uso Sustentável. Em seu entorno estão situados três importantes UCs de Proteção Integral da região: Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins, Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba e Parque Estadual do Jalapão. Por sua localização estratégica ela faz parte do Corredor Ecológico Jalapão/Mangabeiras. O Parque Estadual do Jalapão (PEJ), foi criado pela Lei Estadual 1.203, de 12 de janeiro de 2001, também pertencente à categoria de Unidades de Conservação de Proteção Integral do estado do Tocantins (Tocantins, 2020).

Conforme informações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (2013), a região possui grande importância para a proteção de espécies endêmicas e ameaçadas do Cerrado, na manutenção da biodiversidade. Dispondo de atrativos naturais únicos, sendo que os principais estão acessíveis por meio das rodovias TO-030, TO-110 e TO-255.

## **RELATO DA EXPERIÊNCIA**



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

## **A PREPARAÇÃO**

Em uma determinada aula o professor levantou a hipótese de fazermos imersão em uma comunidade indígena ou no Jalapão nas comunidades quilombolas. A experiência seria válida em vários sentidos, e de fato foi. Num primeiro momento não me senti aflita sobre como seria a imersão proposta ou de que forma seria a viagem, o que me afligia era como eu conseguiria estar presente.

A depender do leitor essa parte pouco fará sentido ou importância porque são questões e aflições muito particulares. Mas com 41 anos, casada e mãe de 2 filhos me ausentar não se trata de algo simples e muito menos corriqueiro. E aqui utilizo o verbo no presente porque a complexidade que envolve esta simples atitude permanece e me parece que ainda existirá por um tempo.

As primeiras questões passavam pela dúvida sobre como abordar o assunto, o que pensariam a respeito, haveria apoio e incentivo para essa empreitada. Não estou aqui superdimensionando um fato simples, verdadeiramente me afastar física e mentalmente da condição de mãe e esposa demandou um gasto interno enorme de energia. O sofrimento começa pelo medo de não ser entendida, depois vieram as questões de trabalhos de escola, rotina, alimentação, entretenimento e a lista ainda se estende bastante. Mesmo que tenha um suporte masculino considerável, ainda assim sair de cena não é simples.

Os exemplos de apoio da família, aconteceram sob pequenas atitudes como preocupação de onde eu iria dormir, em que tipo de carro iríamos, da preocupação em ter alimentos para beliscar, em sugerir um boné ou ainda a presença de uma bala de menta à mão. Ações pequenas que se assemelham



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

em muito com as minhas preocupações quando são eles que estão do outro lado. Minha filha me emprestou a sapatilha para ir à cachoeira, se isso acontecesse, e meu filho me entregou uma de suas cobertas. Meu marido se preocupou com questões práticas do acondicionamento das bagagens, da retirada de dinheiro em espécie para ser levado e ainda do apoio emocional. Houve muito amor em tudo isso. Mas o meu apego quase serviçal, a minha dificuldade de me permitir, rendeu bastante ao longo desses dias e por diversas vezes gerou dúvida sobre a decisão de ir.

Passada a angústia da aceitação, foi quando comecei a refletir sobre a atividade em si e aí vieram outras questões. Sobre como seria nossa hospedagem, alimentação, se as pessoas seriam receptivas, mas principalmente se conseguiria imergir de fato naquela proposta. Seria eu capaz minimamente de colocar o meu “olhar” e “ouvir” em prática sob a perspectiva do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira?

Diferente de todas as vezes que viajei, não havia em mim, naquele dia anterior à viagem, um frenesi. Sequer, eu tinha conseguido arrumar todas as coisas para levar, eu já havia feito um planejamento, mas a concretização ainda estava por vir. Não havia ansiedade, haviam sempre os questionamentos sobre a decisão, principalmente sobre a minha capacidade de imersão naquela proposta. Em um dos textos propostos durante a disciplina trazia que a experiência do olhar e do ouvir aconteceria num contexto constituído pelo confronto entre os dois mundos, no caso o meu e o das pessoas que encontraria, e que a neutralidade seria algo ilusório (Oliveria, 1996). E eu não queria que o meu mundo parecesse tão distante, na realidade mesmo sabendo ser quase impossível eu desejava durante aquela experiência me “despir” e ser o mais sensível que conseguisse.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

## **O TRAJETO**

Na manhã do dia da viagem levantamos cedo, já era decidido que todos iriam se despedir de mim na UFT. Chegando lá no horário combinado, aguardamos poucos minutos até que os dois carros chegassem e iniciamos a organização das coisas na carroceria do automóvel. Eram duas caminhonetes 4x4 e estavam com os pneus bons, essa também era uma preocupação singular. Para minha surpresa outras pessoas nos acompanhariam na viagem e dentre elas uma especialmente conhecida por mim. Ao vê-la senti um leve relaxamento, eu teria ali alguém que talvez tivesse compartilhado parte das minhas angústias e que também entenderia a minha preocupação com os que eu deixara. Ela não sabe, mas parte do meu libertar naquela viagem perpassou principalmente pelo fato de poder me enxergar ao lado. Os conflitos e preocupações internas de mãe, só podem ser de fato compreendidas por outra mãe.

Então por volta das 8hs do dia 02 de novembro de 2023, após beijos e longo abraço nos meus, pegamos a estrada rumo à São Félix – TO. Logo na saída fiz o meu ritual rotineiro de pedido de proteção e que tudo corresse bem. Com filhos ainda pequenos, acidente era um dos meus grandes receios.

A viagem seguiu e a paisagem real da rota para o Jalapão se mostrou evidente. A vegetação nessa época não estava tão seca pois já havia chovido um pouco, o trajeto nos deparamos com uma obra de pavimentação em andamento. Devido ao trânsito do maquinário e à chuva recente, havia bastante lama cenário perfeito para um verdadeiro rally.

Durante toda a viagem a dificuldade de acesso àquela região me chamou atenção. Fiquei pensando naquelas pessoas ao precisarem vir para além do parque do Jalapão sentido Palmas. Tentando medir a dificuldade para





ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

que alimentos, medicamentos, materiais de construção e todo o resto de coisas que precisam chegar ali. Não à toa os preços dos produtos no supermercado em Mateiros destoavam tanto dos praticados em Palmas e em Porto Nacional.

Chegamos à Serra da Catedral, parada obrigatória para fotos “instagramáveis”, que não fizemos. Mas, de frente ao portão que dá acesso à reserva na qual a serra se localiza, há um pequeno estabelecimento. Serve de ponto de apoio para quem viaja por ali, havia café, talvez houvesse outras coisas a serem comercializadas que eu não tenha observado, havia também e banheiros à disposição. De estrutura muito simples, cobertura de palha de chão batido, sem água encanada, sem energia elétrica, a organização e a limpeza eram de um cuidado muito especial. Banheiros individuais masculino e feminino, com o chão cimentado, bastante perfumado, privada elevada do chão, com papel higiênico disponível, e álcool em gel, já que não havia pia.

E mais especial do que esse cuidado foi a recepção da D. Maria. Uma senhorinha de aproximadamente uns 70 anos de idade, pequena, magrinha, dos pés ligeiros - como diz meu pai- e de um brilho e uma vitalidade admirável. De lenço na cabeça, blusa, saia com uma calça por baixo e tênis. Dona de uma prosa muito boa, de uma simplicidade que enche o coração de amor. Nos levou para passear no cerrado ao fundo, nos apresentou o puçá, fruta típica do cerrado. Nos indagava se conhecíamos suco de pequi, biscoito de pequi e de outras iguarias que ela mesma produzia. A simplicidade e generosidade daquela mulher me emocionaram.

Reflieto se as pessoas que passam por ali com o objetivo turístico têm a oportunidade de viver aquela experiência. E que se eu estivesse também “turistando”, provavelmente não teria tido a sensibilidade que o objetivo dessa viagem me proporcionou.





ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Durante a continuidade do trajeto refletia sobre aquele lugar e sobre aquela gentil senhora, lembrava de suas atitudes, do carinho tão gratuito que nos ofereceu. Avaliei que eu estava levando embora dali tanto comigo e me questiono a injustiça de não ter deixado nada com ela. Reavalio não ter dado um abraço forte, não ter tirado foto com ela, infelizmente a preocupação em ser racional e despercebida me privaram disso. Dela, além da memória guardo um vídeo pequeno feito pelo colega durante nossa catação de puçá. E aqui ainda não consigo explicar o quanto ela mexeu comigo.

## **AS COMUNIDADES**

### **COMUNIDADE QUILOMBOLA MUMBUCA**

Na chegada à comunidade de Mumbuca, fomos recebidos por Noeme, a líder conhecida como Dotora, que nos emprestou seu fogão à lenha para preparar o almoço. Durante a preparação do almoço, observei a simplicidade ao nosso redor, lembrando-me de minha infância. Dotora, com sua feição singela, nos relatou a história do capim dourado e sua importância para a comunidade. Tudo foi contado com tanta paixão que era possível visualizar cada detalhe.

Ao ser questionada sobre como a comunidade descobriu e como aprenderam a costurar o capim dourado, Noeme se mostrou mais à vontade, creio que essa pergunta seja a que ela mais responda. Ela bastante leve e desinibida se levantou e sobre os nossos olhos havia não somente um caso sendo contado, havia ali um reforço de fé, aquele acontecido parecia trazer muito sentido para a permanência deles. Ao iniciar sua explanação Noeme diz a seguinte frase: “essa história é muito linda minha gente” ela mudava a



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

entonação, fazia pausas na respiração e utilizava de perguntas ao longo da fala para reforçar a verdade que havia em sua narrativa.

Falamos sobre a festa da colheita na qual famílias inteiras acampam no campo de capim dourado, e sobre a importância dessa vivência na comunidade. Foi relatado que esse momento traz memória afetiva e que é motivo de saudade para muitos membros que por outras razões não estão mais na comunidade.

Nos contaram sobre a construção da primeira escola na Mumbuca, sobre o desejo por parte de uma das mulheres de que fosse construída uma escola ali. A visão de futuro e preocupação com a comunidade foi transferida para uma carta a qual foi entregue ao governo do estado à época. Imagino que se hoje as condições de acesso são complicadas, a anos atrás empreender na concretização desse vislumbre seria uma verdadeira missão. E sob todas as dificuldades ela aconteceu. Assim como em outras passagens, o protagonismo feminino é mais uma vez percebido.

A construção das escolas e o impacto positivo na comunidade foram discutidos com orgulho. Professores da própria comunidade reforçam a cultura local em sala de aula. Foi possível perceber a dedicação dos moradores à comunidade e a relação estreita com o lugar onde vivem. Doutora também nos contou sobre a pista de pouso e seu conhecimento em ervas medicinais. A história das parteiras respeitadas e seu sacrifício em ajudar mulheres a parir sob condições difíceis me fez refletir sobre a força e generosidade dessas mulheres.

Os anseios da comunidade e mesmo a forma como lidam com o lugar onde moram é inspirador. Por vezes pude conferir em volta que havia no olhar de todos que encontramos, seja apenas entrando e saindo da casa, um brilho



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

de amor por aquilo tudo. Eles conseguem de alguma forma plantar raízes tão profundas, que conforme contam, os membros podem até sair, mas a saudade dali os faz retornar.

Já era hora de nos despedir, agradecemos tiramos foto e levamos um pedacinho daquela realidade. Muito dali me impactou, principalmente a importância e dedicação que dão uns para os outros. Ainda em meio às alterações da vida atual percebi um orgulho e o desejo de que os saberes e a essência daquele modo de vida não se percam. Segundo a abordagem de Geertz (1989, p.10) “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos acontecimentos e comportamentos, ela é um contexto algo dentro do qual os processos podem ser descritos”. Sendo a cultura um contexto, compreendo a partir desta frase que as práticas culturais podem se adaptar ao longo do tempo e que essa adaptação não significa perda das raízes culturais, mas sim que este processo pode ocorrer de maneira a preservar elementos essenciais de identidade.

Naquela noite a ansiedade e a preocupação com o desconhecido do dia seguinte me mantiveram inquieta. A desconexão do mundo digital era um desafio, pois em uma rotina da qual tudo tem dia e hora, o apenas acordar e seguir não era tão simples assim. Observava o professor, sem relógio, sem telefone no bolso, enquanto nós ficávamos atentos ao menor sinal de wifi. Não visitei redes sociais naqueles dias, mas fiquei preocupada e ansiosa em dar notícias sobre onde eu estava e o que tinha feito. O me desligar por completo e me render à experiência apenas ocorreu em momentos pontuais. Essa experiência me fez refletir sobre como podemos nos tornar tão reféns das certezas e da conectividade, ao ponto de não conseguir apenas viver o momento.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

## **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PRATA, SÃO FÉLIX, CACHOEIRA DO FORMIGA E DUNAS**

Ao chegar à Comunidade Quilombola do Prata, percebi uma configuração um pouco diferente da Mumbuca. As casas eram um pouco mais distanciadas, havia uma praça com calçamento, um parquinho, duas ou três lanchonetes, uma loja de artesanato e a escola antiga. Ao fundo da praça havia uma borracharia e um restaurante. Ao lado da praça havia uma quadra de esportes e de frente à quadra havia a nova escola era ali que ficaríamos. Era sábado e havia muito pouco movimento ali nos arredores da escola e na comunidade comum todo.

A escola, que atende mais de 30 crianças na pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental em modalidade multisseriada, tinha uma estrutura muito simples contava com três salas de aula, uma sala de direção, dois banheiros, e uma cozinha. Do lado de fora havia uma área circular com uma mureta em volta e coberta de palha, não havia parquinho na escola ou qualquer outro espaço para brincadeira, no quintal de terra também não existiam atrativos.

Fiquei surpresa ao ver esse tipo de ensino ainda em uso e refleti sobre como ficamos tão presos em nossas próprias realidades ao ponto de desconhecer realidades vizinhas tão próximas. Eu olhei aquela sala por muitas e muitas vezes e imaginei o quão difícil seria para a professora abordar conteúdos diversos de níveis diferentes ao mesmo tempo. Eu gostaria de ter perguntado mais, porém a preocupação em não ser indiscreta me manteve muito antes do que eu queria ter ido. Eu pensei na oportunidade que meus filhos tinham mesmo quando usufruíram do ensino público, o que eu via ali era tão pouco e ao mesmo tempo grande. Grande porque é preciso enaltecer o trabalho dos profissionais que ali atuam. As salas eram decoradas de forma



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

muito singela, com cartazes com o nome das crianças, do alfabeto de forma e cursiva, da tabuada, e um pequeno seja bem vindo.

Naquela tarde, nossa agenda seria com a secretária de educação e com algumas mulheres que recém tinham concluído a graduação na modalidade Ead ofertada pela UAB na UFT.

Ali foi nos relatado diversas dificuldades vividas pelo grupo de estudantes para conseguir concluir um curso superior. Enquanto servidora da instituição refleti que às vezes sentados apenas na nossa cadeira em uma sala razoavelmente confortável e não temos a dimensão das adversidades e obstáculos que muitos dos estudantes enfrentam. As vezes não conseguimos dimensionar o impacto das nossas ações. Ver a realidade do outro nos encaminha para ações e atendimento um pouco mais humanizado.

Estávamos falando com mulheres de vida simples, difícil, com família, filhos, responsabilidades nas quais, um curso superior, pouco se encaixaria em suas vidas. A oportunidade surge através do acesso por uma tela, aparentemente simples se não estivéssemos falando de um interior do interior. Vimos ali relatada em um grau com certeza muito menor do que a realidade, sobre como a parceria foi o que as fez chegar ao fim da jornada.

Conhecemos uma mãe, esposa, dona de casa, de vida simples difícil, que cuida de uma idosa acamada que a requisita a noite inteira, que entrava no cerrado à procura de sinal de celular para baixar o conteúdo das aulas, que teve no apoio das colegas e do professor o suporte para conclusão, que vende salgado e verdura na feira para ajudar no sustento da casa. Aqueles fardos eram enormes, mas a demonstração de resiliência e de coragem também eram grandes por demais.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

De volta ao povoado, na quadra já ao anoitecer, testemunhei várias jovens meninas jogando futebol com dois times e ainda algumas reservas, enquanto poucos rapazes estavam presentes ao redor. As garotas demonstravam habilidade e determinação, com uma liderança feminina evidente tanto no esporte quanto na plateia. O futebol feminino parecia uma escolha natural e comum, refletindo a forte presença e organização das mulheres também naquela comunidade.

Naquela noite nos encontramos com D. Maria e Sr. Salomão, líderes da comunidade do Prata. A reunião foi em uma pequena área na entrada da casa deles, o espaço era pequeno, de chão batido, estava recém limpo pois ainda havia as marcas de água no chão e cheirava muito bem. Colocaram algumas cadeiras organizadas em formato de círculo, haviam tido um cuidado para nos receber. Dona Maria estava toda pronta e vestido e sapatilha nos pés, perfumada ainda fresquinha de um banho recém tomado, era possível perceber. Seu Salomão estava tão apresentável quanto.

A nossa conversa foi bastante leve, seu Salomão foi quem mais conversou e sorria o tempo todo, mesmo quando citava os momentos difíceis. Dona Maria também foi bastante simpática, de sorriso sempre no rosto. Falaram sobre a chegada de suas famílias ali, que se assemelhava muito com o que escutamos na Mumbuca. Até porque as famílias quilombolas vieram para a região pelos mesmos motivos, e ao que nos pareceu praticamente ao mesmo tempo. Ali mais uma vez a importância sobre a manutenção daquela cultura, o apego pelo lugar foi evidenciado.

Ouvimos que a economia do povoado ocorre em torno do turismo e do artesanato e que parte dos alimentos consumidos são cultivados ali, seu Salomão se mostrou orgulhoso ao dizer que até uva já produziram. Mesmo



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

com toda a dificuldade um brio era percebido em praticamente todas as suas falas. Aquele casal era o tipo de pessoa com quem se conversava por horas sem que se ficasse entediado.

No povoado do Prata, também tivemos a oportunidade conhecer Rosirene que possui um restaurante na comunidade e é detentora de conhecimentos na utilização de plantas medicinais. Esse saber cultivado pelas comunidades de certa forma garantiu a manutenção da comunidade tendo em vista a dificuldade de acesso à atendimentos clássicos de saúde. Também ouvimos a importância do manuseio das propriedades medicinais na comunidade da Mumbuca.

Em seu quintal havia horta, árvores frutíferas e muitas plantas medicinais, Rosirene nos demonstrou um pouco do seu conhecimento, explicando características e usos medicinais de diversas ervas. Esse conhecimento também é transmitido de geração em geração, no entanto diferente da costura do capim dourado, a manipulação de plantas medicinais não parecia ser algo corriqueiro ou de domínio amplo. Tal disposição para esse saber parece requerer algo além, talvez dom fosse a palavra.

Tivemos ainda a oportunidade de conhecer a Cachoeira do Formiga, provavelmente um dos pontos mais visitados da região. Fomos apresentados ao proprietário, um senhor bom de prosa, mas de palavras muito firmes. Ele estava em sua residência que fica ali mesmo na cachoeira. Nos conduziu a uma estrutura recém-reformada com mesas compridas, cadeiras e bancos, freezer vertical com bebidas, um caixa e uma cozinha. Ali ele nos contou que jamais imaginaria que o local se tornasse um ponto turístico, ali era simplesmente o local onde ele morava e criava seus filhos. Até que um belo dia





ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

alguém fez uma gravação na cachoeira e essa gravação tomou proporções e tornou o lugar conhecido e visitado como é hoje.

A história da sua família e as dificuldades da época em que ali não havia quase nada, foram relatadas. Ficamos sabendo um pouco sobre os entraves administrativos que dificultam a melhoria do empreendimento, inclusive de coisas básicas como a patrolagem da estrada. A estrutura recém reformada na qual estávamos e um píer construído em razão da exigência do órgão ambiental, foram realizados exclusivamente com suas economias e sem nenhuma facilitação por parte do poder público. Em toda a nossa conversa que não durou muito tempo, era perceptível o apego que ele tem àquele lugar, o desejo de que o empreendimento ganhe melhorias.

Ficamos bastante impressionados com o potencial ainda inexplorado naquele lugar, atualmente o que se tem de renda é apenas a taxa de visitação, do comércio de bebidas e alimentos praticamente inexistente. Eles têm um projeto de construção de uma cozinha para que possam servir refeições, e assim ampliar um pouco mais a gama de serviços oferecidos.

Nos despedimos da cachoeira do Formiga e seguimos para as famosas Dunas do Jalapão. Do portão de entrada até o ponto turístico, são alguns poucos quilômetros de um terreno que somente carros traçados conseguem passar. No local onde os carros são deixados há uma estrutura coberta com bancos e apenas isso, não há banheiros. Deste ponto até as dunas de fato o percurso é feito por uma trilha ainda em meio a vegetação comum do cerrado, um pequeno curso d'água molha nossos pés em preparação à subida nas dunas.

Uma imagem sem precedentes é avistada, a formação de areia avermelhada produto do acúmulo do material de erosão causado pelo vento à



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Serra do Espírito Santo. O tempo estava nublado e como havia chovido a areia não estava tão soltinha o que facilitava nossa caminhada. A paisagem lá do alto era belíssima. No topo das dunas a uma certa distância das laterais havia um risco de delimitação feito na areia. O risco indicava que não seria permitido avançar naquela demarcação para evitar o desbarrancamento nas extremidades. Também não era permitido escorregar e passar em uma área de brejo pelo risco de acidentes com animais.

Na demarcação, servidores do Naturatins monitoravam a área a distância para garantir o cumprimento das normas ambientais. Uma servidora nos apresentou o parque, abordando medidas de preservação e os desafios de administração enfrentados pelo órgão para a administração do parque. Para além de outras questões observar aqueles servidores me fizeram refletir sobre a falta de estrutura para os trabalhadores ali, considerando as condições de trabalho sob sol intenso ou chuva, sem abrigo adequado nas dunas e poucos banheiros disponíveis.

O sol já estava se pondo e me despedi das dunas com gratidão pela oportunidade de ter contemplado toda aquela imensidão.

## **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RIO NOVO E CACHOEIRA DA VELHA**

Naquela noite nosso ponto de pouso seria a comunidade Quilombola Rio Novo ali fomos acolhidos por Dona Cleusa, proprietária de um restaurante charmoso de chão de areia, feito em madeira e cobertura de palha, todinho cercado de tela para evitar a entrada de insetos, de frente ao restaurante um espaçoso redário. Ali nos foi ofertado o espaço do redário para passarmos a noite e os banheiros utilizados pelos turistas. As nossas refeições, como jantar,



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

café da manhã e almoço do dia seguinte foram preparados por ela e servidos no restaurante.

As refeições foram banquetes, com sabor de comida com amor. O bem cuidado redário nos ofereceu abrigo, os banheiros extremamente limpos com cerâmica branca que me faziam sentir vergonha em deixá-los sujos de areia. Tudo era extremamente simples e muito acolhedor, com ares de casa de mãe.

O povoado Rio Novo, em termos de estrutura, se diferenciava bastante dos dois visitados anteriormente. Ali não identifiquei grandes feitos do poder público, não havia escola, praça, unidade de saúde, apenas uma torre de wifi e postes de iluminação. Era a comunidade, simplesmente, com uma estrada no centro na qual se passavam os carros de empresas de turismo. Os restaurantes, banheiros, loja de artesanato me pareceu tudo feito com recurso individual dos moradores.

Conhecemos ali o Sr. Wilson, filho do pioneiro Sr. Abelô. Dono de uma excelente oratória cheio de humor e sensibilidade. Compartilhou conosco suas memórias de infância, destacando tanto a liberdade e felicidade quanto às dificuldades enfrentadas por eles no passado. Ele enfatizou a melhoria de vida trazida pelo artesanato, especialmente para as mulheres, que ganharam autonomia e respeito. O fato é que o artesanato de capim dourado foi sempre mencionado como grande transformador do modo de vida, ainda, é claro, enraizado nas suas tradições mais originais. Ali a importância do “costurar o capim” me pareceu que para além da possibilidade de geração de renda, consolida as relações maternas entre mães e filhas, remodela a configuração sobre a mulher no lar e gera autonomia e respeito. Foi muito bonito sentir na falar e ver nos olhos dele o reconhecimento e a valorização.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

Diferente dos outros discursos, ali foi o único lugar ao ouvirmos explicitamente a palavra escravidão. O povoado também formado por escravos fugidos, que inicialmente se escondiam no mato com medo de serem capturados por capatazes enviados pelos donos de terra. Mesmo com a chegada de mais pessoas, as moradias continuavam distantes para evitar chamar atenção. Esse medo persiste, refletido no receio de que qualquer pessoa possa chegar para expulsá-los.

Ao longo das falas percebemos que o sentimento de insegurança, provavelmente diante às situações vividas até os dias atuais, não os permite confiar em qualquer pessoa. Compreendi que abertura nos dada e que proporcionou rodas de conversas e o acesso a certos assuntos, somente ocorreu por estarmos com o professor, alguém que devido ao trabalho de anos, tem deles o crédito. E sobre essa aceitação me recordei da “observação participante” tratada no texto do autor Roberto Cardoso de Oliveira ao refletir sobre a interação proporcionada pela qualidade do ouvir:

Tal interação na realização de uma etnografia, envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de “observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação (Oliveira, 1996, p.21).

A conversa estava animada até que em um determinado momento o papo seguiu para um caminho que encontraria a figura do pai que faleceu, com mais de 100 anos, em agosto deste ano. Foram duas grandes perdas, sua mãe no início do ano e seu pai. Nesse momento o sr. Wilson se disse incapaz de dar continuidade em razão de todo o sentimento do luto ainda vivido. Era hora



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

de terminar a conversa, e guardo comigo um momento muito agradável, de reflexões internas, de emoção e de risadas, uma experiência que me recordo com muito carinho daquele senhor de vida sofrida e de uma sensibilidade que nos fez rir e chorar.

Nossa última parada seria a Cachoeira da Velha que de todos os lugares o acesso foi o mais difícil, no carro conversamos a respeito ainda incrédulos de que o acesso a um ponto turístico tão famoso estaria daquela forma. Se escuta dizer que quem vai ao Jalapão busca turismo de aventura e de fato as estradas oferecem esse quesito.

O acesso à cachoeira passa pela antiga sede do Naturatins, o local era a sede de uma fazenda antes da criação do Parque. Com a criação do Parque a estrutura da sede da fazenda foi aproveitada para que ali fosse implantada uma espécie de base do órgão no Parque. No entanto, essa estrutura está abandonada e se deteriora em meio a paisagem local.

A imagem de certo abandono da estrutura física fica completamente deslocada quando nos deparamos com a paisagem natural, a cachoeira da velha é uma das imagens mais lindas que pude ver na vida. A sensação de paz comum que sentimos em quedas d'água ali se multiplica, o desejo de sentar e ficar ali um bom tempo, era imenso.

A visita à cachoeira da velha foi um misto de sentimentos e questionamentos. A sensação de paz era alternada com a decepção com a situação da estrutura que me gerava o questionamento sobre o cuidado com aquela exuberância natural. Havia ali também um sentimento de tristeza estaria nos despedindo daquele lugar e a sensação que eu tinha era de que vimos pouco, conversamos pouco, refletimos pouco e ao mesmo tempo parecia que aquele pouco de tão grande não cabia em mim.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Maio-Ago., 2024

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência nas comunidades evidenciou a importância do artesanato de capim dourado, não apenas como fonte de renda, mas também como elemento central na identidade cultural e na autonomia. A liderança feminina, relatada e observada nos faz refletir sobre a importância do protagonismo das mulheres na construção e manutenção dos valores culturais locais.

Observamos as dificuldades trazidas pela precariedade das infraestruturas, tanto nas estradas quanto nos serviços básicos, o que ressalta a necessidade de políticas públicas mais eficazes e integradas que garantam melhores condições de vida para essas comunidades. A observação permitiu nos aproximar um pouco das adversidades enfrentadas e dos recursos limitados que muitas vezes impedem o pleno desenvolvimento local.

A interação com as pessoas, a observação e a vivência durante aqueles dias renderam lições aprendida sobre cultura, resiliência e ainda reflexão sobre o nosso papel na manutenção dessas culturas. E para além dessas, várias outras reflexões pessoais que não caberiam aqui.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996.